



***SILENCIADAS E INVISIBILIZADAS: RELAÇÕES DE GÊNERO NA
INDÚSTRIA TÊXTIL***

***SILENCIAS E INVISIBILIZADAS: RELACIONES DE GÉNERO EN LA
INDUSTRIA TEXTIL***

***SILENCED AND NO VISUALIZED: GENDER RELATIONS IN TEXTILE
INDUSTRY***

Mislene Aparecida Gonçalves Rosa¹

Raquel Quirino²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a divisão sexual do trabalho como forma de segregação das mulheres trabalhadoras, busca-se verificar quais os critérios vigentes e quais os argumentos utilizados, para explicitar a preferência por mulheres para determinadas tarefas/funções. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, a pesquisa de campo foi realizada em uma empresa do ramo de têxtil situada na Região metropolitana de Belo Horizonte, MG. Para coleta de dados utilizou-se entrevistas semiestruturadas; os achados empíricos foram analisados de forma crítica e dialética, procurando apresentar as tensões, contradições e antagonismos existentes entre os grupos sociais formados por homens e mulheres. Na concepção dos gestores e das próprias trabalhadoras, existe trabalho de homem e trabalho de mulher, que requerem aptidões diferenciadas, as mulheres são requisitadas para tarefas/funções consideradas “leves” e que demandam habilidades manuais como destreza e perfeição na execução de detalhes ou para operar máquinas, num trabalho simples e repetitivo. Os resultados apontaram para um silenciamento das relações sociais de gênero no setor industrial têxtil, sobretudo quanto a atribuição de trabalho “pesado” e trabalho “leve”, que baseiam-se principalmente no emprego da força física, carregar peso parece ser um esforço visível e reconhecido como “trabalho de homem”, enquanto, em geral, os esforços e trabalho das mulheres permanecem invisíveis.

¹ Doutoranda em Educação Conhecimento e Inclusão Social - Universidade Federal de Minas Gerais, FaE/UFMG, Brasil. Mestrado em Educação Tecnológica - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG. Graduação em Engenharia Mecânica e Engenharia de Segurança do Trabalho.

² Pós-Doutora em Educação - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil. Professora do Programa em Pós-Graduação em Educação Tecnológica - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG.

PALAVRAS-CHAVE: Relações sociais de gênero; Divisão sexual do trabalho. Indústria Têxtil.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la división sexual del trabajo como forma de segregación de las mujeres trabajadoras, se busca verificar cuáles son los criterios vigentes y cuáles son los argumentos utilizados, para explicitar la preferencia por mujeres para determinadas tareas / funciones. En la concepción de los gestores y de las propias trabajadoras, existe trabajo de hombre y trabajo de mujer, que requieren aptitudes diferenciadas, las mujeres son requeridas para tareas / funciones consideradas "leves" y que demandan habilidades manuales como destreza y perfección en la ejecución de detalles o para operar máquinas, en un trabajo simple y repetitivo. Los resultados apuntaron a un silenciamiento de las relaciones sociales de género en el sector industrial textil, sobre todo en cuanto a la asignación de trabajo "pesado" y trabajo "leve", que se basan principalmente en el empleo de la fuerza física, cargar peso parece ser un esfuerzo visible y reconocido como "trabajo de hombre", mientras que en general los esfuerzos y el trabajo de las mujeres permanecen invisibles.

PALABRAS-CLAVE: Relaciones sociales de género; División sexual del trabajo. Industria textil.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the sexual division of labor as a form of segregation of working women, it is sought to verify what criteria are in force and what arguments are used to explain the preference for women for certain tasks / functions. In the conception of managers and of the workers themselves, there is a man's work and a woman's job, which require different skills, women are required for tasks / functions that are considered "light" and require manual skills such as dexterity and perfection in the execution of details or to operate machines, in a simple and repetitive work. The results pointed to a silencing of social relations of gender in the textile industrial sector, especially as regards the attribution of "heavy" work and "light" work, which are based mainly on the use of physical force, carrying weight seems to be a visible effort and recognized as "men's work," while, in general, women's efforts and work remain invisible.

KEYWORDS: Social relations of gender; Sexual division of labor. Textile industry.

* * *

*Todo corpo permanece em repouso ou em movimento
em linha reta a uma velocidade constante,
a menos que seja obrigado a mudar seu estado
por forças impostas sobre ele*

Sir Isaac Newton

Introdução

Este artigo deriva de uma investigação realizada, em nível de mestrado, faz aqui um recorte dos achados empíricos da pesquisa para discutir sobre o silenciamento das relações sociais de gênero no setor industrial têxtil, sobretudo quanto à atribuição de trabalho “pesado” e trabalho “leve”. Sendo necessário, primeiramente, que haja o reconhecimento de que a desigualdade de gênero existe, para assim ampliar a discussão com ações que deem visibilidade ao trabalho realizado pelas mulheres.

A indústria têxtil escolhida como unidade de pesquisa, está localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, MG. Privilegiou-se a observação das atividades desenvolvidas no setor de fiação, predominantemente feminino, não apenas pela predominância numérica, mas também porque as atividades neste setor poderiam ser classificadas como um desdobramento das atividades domésticas.

Foram realizadas duas visitas na empresa que possibilitaram observações gerais da fábrica, das etapas do processo produtivo, das condições físicas (o ambiente, as máquinas, as pessoas, etc) e considerações sobre o modo como as mulheres trabalhavam e em quais tarefas/funções elas se destacavam.

Em seguida, passou-se para as entrevistas valorizando também as verbalizações e informações obtidas em conversas informais em outros momentos. As entrevistas seguiram um roteiro de questões semiestruturado, com questões flexíveis, permitindo aos/as entrevistados/as falar livremente, inclusive sobre outros assuntos que surgiram no decorrer da entrevista, possibilitando à pesquisadora a formulação de novas questões que surgiram com o desdobramento do tema principal. Conforme Gerhardt et al. (2009, p.72), este instrumento objetivou “obter diferentes respostas à mesma pergunta, possibilitando que sejam comparadas”.

As/os participantes foram escolhidas/os de acordo com a disponibilidade e interesse, foram selecionados quatro gestores (um gerente, um supervisor e dois chefes de turma), cinco trabalhadoras (operadoras no setor de fiação), as escolhas não geraram nenhum impedimento por parte da empresa.

Para análise dos dados, utilizou-se análise crítica do discurso, uma vez que objetivo básico de tal análise,

é realizar uma reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação de textos produzidos nos mais diferentes campos: das relações primárias, religioso, filosófico, jurídico e sócio-

político, visando a compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção de seus sentidos (MINAYO, 2014, p.319).

É nesse momento que se buscou estabelecer como se dá, na prática, as conexões, mediações e contradições dos fatos que constituem a problemática pesquisada e analisar o diálogo entre a divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo/gênero presentes na dinâmica do trabalho na indústria têxtil. Objetivou-se superar a percepção imediata, as impressões primeiras, a análise mecânica, positivista e empiricista, passando-se assim do plano abstrato ao concreto, estabelecendo relações entre as partes e a totalidade. Enfim, pretendeu-se elaborar a síntese da investigação em uma exposição orgânica, coerente, concisa, nas múltiplas determinações do objeto investigado.

As teorias da divisão sexual do trabalho, como base material das relações sociais de sexo/gênero, parecem ainda ser tratada como assunto específico próprio a pesquisadoras/es sobre gênero, o que cria uma espécie de “barreira” para que esta abordagem seja considerada nos estudos da sociologia do trabalho. Desta forma propõem-se aqui análises sexuadas indicando que as transformações na organização do trabalho ocorrem de forma diferenciada para mulheres e homens e em setores femininos e setores masculinos.

O peso do trabalho “leve” feminino

Marcondes et.al (2003) explica que o manuseio de peso é um importante diferencial que distingue os “trabalhos de homens” dos “trabalhos de mulheres”, reafirmando a lógica binária “pesado” versus “leve”, trazendo atribuições de gênero a partir da biologia homem/mulher, “sexo-forte”/“sexo-fraco”, neste contexto é importante ressaltar a crítica à biologização dos papéis sociais. Os/as autores/as constataram que as diferenças imputadas aos gêneros, parecem tender a valorizar o esforço físico masculino e subestimar o feminino. Entretanto, esclarecem que é preciso considerar que, quando os homens deslocam pesos, o esforço físico e o trabalho muscular são mais intensos, porém esporádicos; ao passo que nos trabalhos “femininos”, esses são moderados, mas contínuos. (MARCONDES et. al, 2003, p. 99)

Nas entrevistas e nas conversas informais realizadas para esta pesquisa, foi recorrente, a descrição do setor de fiação como um setor de trabalho “leve”, portanto mais adequado para as mulheres.

Homens no nosso universo, aqui na fiação é muito pouco. É um serviço leve, muito leve.

A fiação o serviço dela é todo muito leve, né? Poucas funções aqui são mais pesadas, por isso o público maior é feminino, 80% do pessoal que trabalha aqui comigo são do sexo feminino. (E1 – Gestor Chefe de Turma)

Tal afirmação de trabalho “leve” trouxe consigo alguns questionamentos quanto à definição de trabalho “pesado” e “leve”, desta forma, nos limites desta pesquisa, que não tem o objetivo de fazer uma análise detalhada da atividade, mas apenas entendê-la para melhor situar o trabalho da mulher, segue algumas considerações sobre o processo produtivo no setor de fiação.

A função mais importante na fiação convencional é a de “operadora fiandeira de anel” (apenas mulheres), a operadora é responsável por manter o filatório abastecido de pavios, elastano e poliéster além de fazer patrulhamento frequentemente em seu grupo de máquinas para garantir que todos os fios estejam com o elastano/poliéster, inspecionar a máquina e efetuar a emenda do pávio, em caso de rompimento, (pois com a ruptura, através de sensores, a máquina interrompe a produção do fuso e aguarda o seu religamento) posteriormente fazer o passamento do pávio para reiniciar o processo.

Na fiação especificamente, as mulheres se concentram na fiação manual, no relato abaixo, ainda que a entrevistada fale que prefira trabalhar na fiação manual ela considera o trabalho na fiação automática (fiação Open-End) como mais limpo e menos corrido,

Eu gosto de trabalhar na fiação antiga, é claro que no Open-End a gente suja menos, é menos corrido, mas eu acho a dificuldade minha lá é nas bobinas, que é muito pesada. Na fiação você tem que chegar tirar o retorno da máquina, que são os algodãozinhos que fica dentro da caixa de retorno, troca os pavios, vai desmolando, emenda. Aqui é tudo manual, é mais trabalho. (E2 – Trabalhadora Fiandeira)

Também são apresentadas outras justificativas para segregação entre a fiação automática e a fiação manual:

A questão de altura, peso, idade também. Por exemplo, eu preciso de pessoas altas para trabalhar no Open-End, pro filatório manual já tem que ser um pouco mais baixa, para arriada tem que ser um pouco mais baixa também. A questão do peso: a pessoa muito obesa às vezes tem que colocar pávio, o deslocamento dela é menor. (E1 – Gestor Chefe de Turma)

Lá no Open-End eu não trabalhei por conta da minha altura, tem que ser mais alta. Porque lá tem um robô que faz tudo, identifica até a sujeira no fio. (E3 – Trabalhadora Fiandeira)

Araujo et. al (2004) explica que a modernização da indústria têxtil criou uma “guetização” das trabalhadoras nos postos de trabalho não modernizados, elas foram transferidas para os cargos com atividades repetitivas e desgastantes, as mulheres que tradicionalmente ocupavam cargos do setor de fiação e tecelagem foram substituídas por homens nos postos de trabalho modernizados, as autoras exemplificam:

As funções relacionadas à limpeza do pente de tear e à inspeção da qualidade dos tecidos: a primeira consiste em uma atividade repetitiva e feita com uma velocidade intensa, pois a trabalhadora para limpar o pente introduz uma pinça com muita rapidez em cada espaço milimétrico entre os dentes, enquanto a segunda atividade requer que a trabalhadora que faz a inspeção da qualidade fique em pé, olhando fixamente para o tecido que se movimenta através de uma esteira. (ARAÚJO et. al, 2004, p. 13)

A contradição justifica-se pelas atividades efetivamente realizadas na fiação Open-End (automática) e na fiação convencional (manual), na fiação automática o/a operador/a desempenha atividades de atenção aos fusos, vigilância das luzes de sinalização e parametrização do painel de controle, portanto, apesar das operadoras considerarem um trabalho mais monótono e demonstrarem preferência pelo trabalho na fiação manual é necessário fazer algumas ressalvas, por exemplo, observou-se que o/a “operador/a fiandeiro/a Open-End” é mais estimulado a aprender sobre as características técnicas da máquina sendo mais solicitado a demonstrar sua competência diante de erros e problemas inesperados.

Já na fiação manual, devido à variabilidade de atividades manuais, exige-se das operadoras maior esforço físico, no sentido de exigência musculoesquelética, porque a atividade é mais influenciada pela qualidade da matéria-prima e pela velocidade da máquina, por exemplo, ao aumentar a velocidade da máquina manual, as operadoras precisam também acelerar o ritmo para atender as exigências de produção em ritmo acelerado. Na fiação automática o aumento da velocidade ou surgimento de imprevistos é mostrado no painel de controle, o/a operador/a deve desloca-se até o fuso, solucionar o problema e retornar para próximo do painel.

Hirata (2002, p.200) constata que há um tipo de máquina específica confiadas às mulheres, aquelas que exigem tarefas predominantes manuais. Também Quirino (2011) constata em sua pesquisa na mineração:

as tarefas masculinas consistem em exercer os ofícios de mecânica, elétrica e engenharia em máquinas mais complexas, como os Sistemas Numéricos Computadorizados – SNC das salas de controle, na operação dos equipamentos fixos nas instalações de beneficiamento, operar softwares sofisticados e utilizar das ferramentas de gestão, as mulheres executam tarefas, cujas qualificações sociais foram adquiridas histórica e culturalmente, notadamente no trabalho doméstico. (QUIRINO, 2011, p.190)

Sobre o trabalho na fiação convencional, a entrevistada explica alguns detalhes do processo produtivo, enfatizando a necessidade de cumprimentos dos procedimentos para a garantia de qualidade, “produção sem erros”. Com relação a essa atenção e minúcia necessária para o trabalho que precisa ser combinada com agilidade, algumas falhas acabam passando. Esta fala revela haver um ambiente de tensão combinado com condições de trabalho desagradáveis (ambiente quente, muita poeira e muito ruído) que favorecem sofrimento da trabalhadora:

Aqui no filatorio a gente trabalha só em pé, sempre patrulhando a máquina...olhando o elastano e repondo as máquinas. O trabalho é cansativo e frustrante às vezes, porque você olha as máquinas, cada máquina tem muito fuso...aí tipo passa um fuso com problema neste milhares de fusos, aí você pensa como eu não vi isso. Aí chega no controle e o encarregado vem conversar pedindo mais atenção. Aí a gente fica frustrada, e pensa como que passou esse erro e eu não vi, eu passei tantas vezes e olhei...é cansativo. É um falso trabalho leve, porque é muito cansativo. A fiação também é quente e tem muita poeira. (E3 – Trabalhadora Fiandeira)

Embora o próprio gerente do setor reconheça, ainda que parcialmente, que a fiação tenha um falso trabalho “leve” ele considera que tais cargos são os mais adequados para as mulheres:

Então os cargos femininos dentro da fiação e tecelagem, é para atender a demanda feminina são cargos mais leves. Digo em questão de peso, porem com uma rotina pesada, braçal, com muitos movimentos repetitivos o tempo todo. Porem são atividades mais leves em questão de peso. (Gestor Gerente)

Observa-se que, na visão dos/as entrevistados/as, um dos critérios centrais para justificar a predominância de mulheres na fiação, em especial nas funções manuais, é a existência de habilidades e características nas mulheres que as colocam como trabalhadoras ideais para estas funções.

Tanto os “gestores” quanto com as próprias trabalhadoras, reconhecem enquanto qualidades específicas das mulheres, características físicas (“mãos finas”), tolerâncias (tem mais paciência para efetuar tarefas que seriam penosas para um homem),

concentração e atenção (“mulheres prestam mais atenção”), o entrevistado ressalta tais habilidades ao ser questionado sobre segregação ocupacional.

Já teve de forma muito acentuada, hoje menos, algumas funções ainda...em função da necessidade do processo requer uma habilidade muito natural da mulher. Por exemplo o filatório, porque no filatorio, é aquele setor que eu te falei que é predominantemente feminino. No filatorio você manuseia o fio, fio muito fino em componentes muito estreitos da máquina. Então os dedos grossos, a mão pesada, do homem dificulta um pouco. É necessária uma habilidade mais própria da mulher. Então não é por questão fisionômica mesmo...não é por questão de perfil, a mulher vai lidar melhor com isso não. É questão de mãos, mãos mais finas, dedos mais finos, as vezes mãos mais hábeis, então eu tenho essa predominância feminina. Esse é o único departamento que ainda guarda essa...essa restrição, mesmo que relativa mas é uma restrição de gênero. (Gestor Supervisor)

É relevante apontar a argumentação de Hirata e Kergoat (1987) para se contrapor esta visão usual sobre a qualificação das trabalhadoras, a autora sustenta que tais habilidades não são naturais, são na realidade o resultado do treinamento que elas recebem desde a infância nas tarefas socialmente apropriadas ao papel da mulher:

Ao invés de dizer que as operárias têm uma formação inexistente ou mal adaptada, dizemos o contrário, que elas têm uma formação perfeitamente adaptada aos empregos industriais, que se lhes propõem. Dizemos também que elas a adquiriram, inicialmente, através de um aprendizado (na profissão de futura mulher, quando eram meninas), depois mediante uma formação contínua (trabalho doméstico). As operárias não são operárias não qualificadas ou trabalhadoras manuais porque são mal formadas pela escola, mas porque são bem formadas na totalidade do trabalho reprodutivo. (HIRATA e KERGOAT, 1987, p.84)

A partir dos relatos das entrevistas, identificou-se que a atribuição de trabalho “pesado” e trabalho “leve” baseiam-se principalmente no emprego da força física, carregar peso parece ser um esforço visível e reconhecido como “trabalho de homem”, enquanto em geral os esforços das mulheres permanecem invisíveis, desta forma constata-se a distinção e atribuição de valores as atividades, como: trabalho “pesado”/trabalho “difícil”, trabalho “leve”/trabalho “fácil”. Neste contexto, o peso do trabalho “leve” adquire visibilidade quando se articula a perspectiva de gênero com a abordagem ergonômica dos postos de trabalho, de modo que se contextualizem esses valores de leveza e peso. Dessa forma, é preciso considerar não só o peso em si que o

trabalhador precisa deslocar, mas as demais condições que compõem determinada atividade.

De acordo com Marcondes et. al, (2003), nos postos considerados “leves” em razão da presença da máquina e onde geralmente se alocam mulheres, ocorrem esforços físicos que podem passar despercebidos, tais como a adoção de posturas desfavoráveis para músculos e ossos, sua manutenção por longos períodos, a repetição sucessiva dos mesmos movimentos e, somando-se a estas, a pouca ou nenhuma possibilidade de sair do posto de trabalho.

Desta forma as características encontradas no setor de fiação, tarefas repetitivas sob pressão temporal, ritmo acelerado, pequena margem de manobra para alterar a tarefa, condições inadequadas dos meios de produção (matéria-prima ruim, máquinas antigas), questões ambientais inadequadas (ruído, poeira, ambiente quente) cobrança de resultados associada à rigidez dos procedimentos e vigilância da hierarquia, demonstram o quão equivocadas são os argumentos que de que as mulheres realizam um trabalho “leve” na indústria têxtil.

Conclusão

Tradicionalmente as mulheres ocupam na indústria têxtil postos de trabalho em que realizam tarefas manuais, repetitivas, monótonas, pobres em conteúdo, consideradas desqualificadas, e sujeitas a um maior grau de vigilância e exigências de produtividade. Estudos realizados por Saffioti (1981), Resende (2003) e Lima (2009) evidenciaram condições semelhantes quanto às condições de trabalho da mulher na indústria têxtil.

Especificamente na indústria têxtil, segundo Comper e Padula (2010, p.216), no Brasil, registra-se um elevado número de trabalhadoras/es afastadas/os por causa de lesões por esforços repetitivos (LER) ou distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT), devido à exposição aos fatores de riscos ergonômicos presentes nas condições de trabalho, tais como necessidade de força excessiva, repetição de movimentos, posturas inadequadas, ausência de pausas, entre outras condições ergonomicamente irregulares que aumentam a frequência de doenças físicas e mentais.

Ao que parece, ser mulher trabalhadora operária é tarefa, por si só, que demanda resistências e enfrentamentos, acredita-se, portanto, que é necessário apontar que os desafios diferenciados colocados para as trabalhadoras não podem ser negligenciados ou neutralizados, como se não fizessem parte da condição de trabalhadora mulher (relações sociais de classe e gênero).

Com base nessa reflexão, infere-se que as modificações nas relações de trabalho alcançadas através das estratégias de resistência e enfrentamento desenvolvidas pelas mulheres é relevante para o conjunto da classe trabalhadora (mulheres e homens). Neste sentido, considera-se que compreender que a classe trabalhadora possui dois sexos não se trata de uma mera enunciação teórica, requer esforço analítico para evidenciar que a dimensão de gênero nas formulações acerca das ações das empresas implicam melhorias nas condições de trabalho para ambos os sexos.

Referências

- ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; AMORIM, Elaine; FERREIRA, Verônica . Os sentidos do trabalho da mulher no contexto da reestruturação produtiva. In: *Artigo apresentado no XV International Congress on Women's Health Issues*, p. 07-11, São Pedro-SP, 2004.
- COMPER, Maria Luiza Caires; PADULA, Rosimeire Simprini. *Avaliação do risco ergonômico em trabalhadores da indústria têxtil por dois instrumentos: quick exposure check e job factors questionnaire*. *Fisioterapia e Pesquisa*, v. 20, n. 3, p. 215-221, 2013.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.
- HIRATA, Helena. Da Polarização das Qualificações ao Modelo da Competência. In: FERRETI, C. J. et al. *Tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Divisão sexual e Psicopatologia do Trabalho. *Encontro Anual da ANPOCS*, p. 01-14, 1987.
- LIMA, Júnia de Souza. *De meninas fiandeiras a mulheres operárias: A inserção da mão-de-obra feminina na companhia de Fiação e tecidos cedro e cachoeira (1872-1930)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET_MG, Brasil.
- MARCONDES, Willer Baumgarten et al. O peso do trabalho "leve" feminino à saúde. *São Paulo em perspectiva*, v. 17, n. 2, p. 91-101, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 9-29.
- QUIRINO, Raquel. *Mineração também é lugar de mulher! Desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na Mineração de Ferro*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil.
- RESENDE, Ana Paula Mendonça de. *A organização social dos trabalhadores Fabris em São João Del-Rei: O caso da companhia industrial São Joanense. 1891/1935*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher: um estudo de operárias têxteis e de confecções no Brasil e nos Estados Unidos*. Editora HUCITEC, 1981.

Recebido em Maio de 2018

Aprovado em Agosto de 2018